



O RIO É O MEU TERRITÓRIO: MEMÓRIAS DE MULHERES PESCADORAS DE TOCANTINÓPOLIS (TO): SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO MODO DE VIVER

SILVA, Maylane Pereira da¹; ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de²

RESUMO

A vida das ribeirinhas beira-rio de Tocantinópolis é repleta de experiências e conhecimentos práticos, com a atividade de navegação como elemento central que as conecta a outras comunidades e centros urbanos. A modernização da região, com a introdução de barcos motorizados e a construção da rodovia Belém-Brasília, provocou mudanças significativas na identidade ribeirinha e na dinâmica populacional. Esta pesquisa visa compreender as vivências das mulheres pescadoras, que enfrentam desafios diários na luta contra a invisibilidade e a desvalorização de seu trabalho. Ao focar nas memórias e lutas dessas mulheres, o estudo revela os obstáculos históricos e sociais que impactam suas práticas cotidianas, destacando sua autonomia em um contexto de divisão sexual do trabalho. Por meio de entrevistas, buscou-se amplificar suas vozes e evidenciar a importância dessas mulheres nas dinâmicas econômicas e culturais de suas comunidades, ressaltando seu papel na luta por reconhecimento e dignidade. Ao documentar suas experiências, a pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla sobre a relevância das mulheres ribeirinhas na preservação de suas identidades e na construção de suas comunidades ao longo do tempo.

Palavras-chave: territorialidades, memórias, ribeirinhos.

I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A vida das ribeirinhas beira-rio possui características de uma dinâmica, de experiências e de conhecimentos práticos. O elemento que mais contribuiu para essa

1 Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde. e-mail. Maylane.silva@ufnt.edu.br

2 Orientadora do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde, Tocantinópolis. e-mail. rejane.almeida@ufnt.edu.



dinamicidade foi a atividade da navegação, predominante nesse meio, pois ela mantinha os ribeirinhos em constante relação com outros moradores das margens do rio, chegando até Belém. O processo de modernização na região – em substituição aos barcos a remo pelos barcos a motor, abertura da rodovia Belém- Brasília, construção de pontes e de barragens – influenciou de modo marcante na construção/reconstrução dessa identidade e fez com que mudanças passassem a ocorrer com mais rapidez: aumento populacional com a imigração, crescimento das cidades, desenvolvimento dos transportes e da produção agrícola etc.

Para esta pesquisa de um ponto de vista teórico e metodológico, movimentamo-nos em um espaço de fronteira entre História oral (THOMPSON, 1992), narrativas autobiográficas (JOSSO, 2004) e as teorias do território (HAESBAERT, 2006; LITTLE, 2002). Essa pesquisa também encontrou uma série de estudos (OLIVEIRA, 2021) sobre Rio Tocantins, território e memórias, (GONÇALVES, MEDEIROS, PISANE, 2019), sobre Mulheres pescadoras artesanais: relações de gênero e violência na colônia z7, Tocantinópolis (TO), nesse aspecto, as mulheres pescadoras enfrentam ao passar dos anos, “desafios, entre eles o do trabalho. Causando reflexões relacionadas aos valores das mulheres pescadoras e a sua permanência que é constantemente ameaçada” (BANDEIRA; MEDEIROS; PISANI, 2019, p. 74). Para demarcar quem são essas mulheres que atuam na pesca há gerações, as memórias, as lutas, culturas, saberes e obstáculos que elas têm enfrentado nas suas trajetórias, faremos nossas análises com as autoras acima referendadas.

II. BASE TEÓRICA



Essa pesquisa fundamenta-se na História Oral (THOMPSON, 1992), narrativas autobiográficas (JOSSO, 2004) e teorias do território (HAESBAERT, 2006; LITTLE, 2002), estudos recentes, como os de GONÇALVES, MEDEIROS e PISANI (2019), Saffioti (2004) argumenta que a divisão do trabalho perpetua a invisibilidade das mulheres, enquanto Haesbaert (1999) enfatiza a construção da identidade territorial como um processo dinâmico que envolve tanto a subjetividade quanto as relações sociais.

III. OBJETIVOS

GERAL

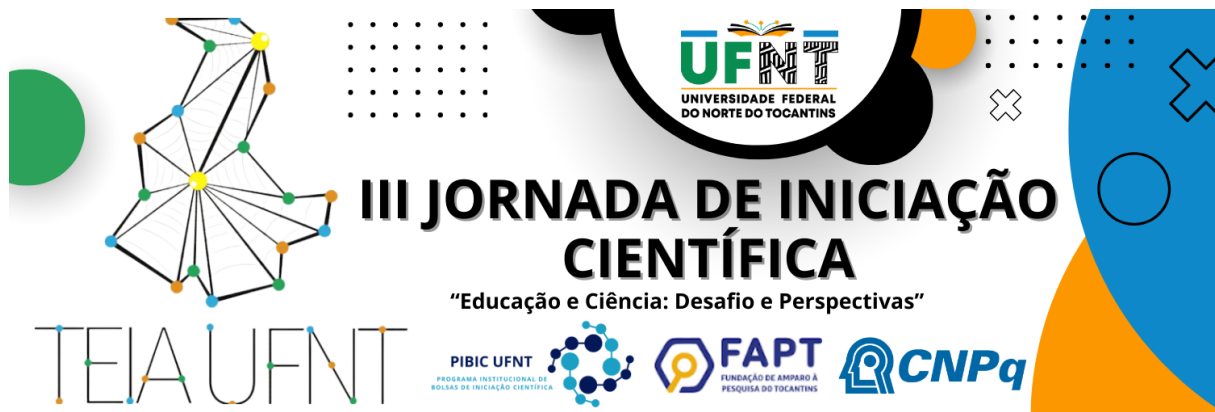
Compreender os modos de vida das mulheres pescadoras do município de Tocantinópolis e suas relações com o Rio Tocantins, sentidos e significados.

ESPECÍFICOS

- Identificar os modos de viver das mulheres ribeirinhas
- Registrar as práticas de trabalho no território ribeirinho em Tocantinópolis
- Analisar por meio das memórias das mulheres ribeirinhas suas dinâmicas culturais, seus sentidos e significados.

IV. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa será baseada na história oral de vida, focando nos assuntos que compõem o enredo, o que fornecerá novos elementos para compreender o tema. As entrevistas ocorreram nas residências dos moradores e nos locais de pesca, utilizando um gravador para garantir a fidelidade das falas e um celular para registrar visualmente o processo de organização social do trabalho, desde que autorizados. Segundo



Portelli (1997), a história oral se baseia na coleta de padrões culturais e estruturas sociais, permitindo aprofundar os impactos históricos nas vidas dos indivíduos, fator indispensável para todas as ciências sociais.

Na primeira etapa do procedimento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando o portal do IBICT e da CAPES para acessar teses, dissertações e artigos relevantes, focando em temas como territorialidades e memórias. Na segunda etapa, serão aplicadas técnicas de história oral de vida e história temática, com um roteiro semiestruturado para as entrevistas, que já foram gravadas e transcritas, e com a explicação clara dos objetivos da pesquisa a cada participante. O diálogo entre pesquisador e sujeito é essencial para evitar imposições de pré-conceitos (RAMOS, 2019), e as narrativas serão apresentadas conforme os objetivos propostos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os meses dedicados à metodologia da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico que incluiu a busca por artigos e análises de livros relevantes ao projeto. Destaca-se a obra de Cristiano Quaresma de Paula (2019), que analisa como os estudos geográficos muitas vezes perpetuam as invisibilidades de sujeitos e territórios, ressaltando que a territorialidade é fundamental para compreender o comportamento socioespacial humano. A territorialidade das mulheres pescadoras de Tocantinópolis é essencial na luta contra a invisibilidade enfrentada por elas, semelhante ao que ocorre com mulheres no meio rural, que muitas vezes são vistas como “ajudantes”. Essa invisibilidade impede o reconhecimento do trabalho das pescadoras, indo além da simples garantia de direitos, uma vez que a divisão sexual do trabalho tem raízes profundas e historicamente alocou responsabilidades diferentes para homens e mulheres. Para visibilizar a realidade das mulheres



pescadoras, propomos realizar entrevistas que evidenciem suas identidades e experiências, buscando assim valorizar suas contribuições e desafios enfrentados em suas práticas cotidianas.

Deixa eu te falar. Na realidade, eu nem gostava de pescar, não pescava. Eu tinha preguiça até de pelar. A mãe pescava, o pai pescava, meu pai e minha mãe gostavam de pescar. Só que eu nunca gostei de pescar. Mas aí, com o passar do tempo, eu cresci. Aí a gente foi se formando de outra maneira, né? A vida difícil. Mas aí eu me casei. Quando eu me casei... E aí... Continuei não gostar de pescar. Eu não gostava, porque quando eu ia pescar, eu não pegava nada. Então, eu não gostava de pescar, né? Mas aí, casei com o meu esposo, né? E ele gostava de pescar. Então, ele sempre falava. "Bem, vamos pescar, vamos pescar." Não, não gosto de pescar, não. Eu vou pro rio, não pego nada. Aí, eu peguei e fui. Quando foi um dia, ele me levou pra pescar. Chegando lá, foi uma pescadinha de mão. E aí, todo mundo jogou a sua linha na água, todo mundo pegava peixe, eu não. Todo mundo pegava peixe, eu não. Aí, de repente, eu peguei. Aí, eu peguei um peixe, peguei o primeiro peixe, né? Peguei uma Mandi moela grande, uma Mandi moela boa de tamanho. Aí, todo mundo fala, veja, agora pronto. Aí, eu joguei a linha de noturno. E peguei de novo. E, assim, eu fui pegando, né? Aí, a partir desse dia, eu fui pegando gosto, né? Eu gostei, já gostei. Aí eu já ia, aí toda vez quando ele ia pro rio eu também já ia pescar, mas aí então eu. Ainda não tinha tirado a carteira, né? Aí a gente lutou e ele tirou a carteira primeiro. Aí depois eu continuei pescando, aí ele falou, não, agora nós vamos tirar. Eu sempre vou pro rio, gosto de pegar o peixe, vou pegar o meu motor, vou pescar de canoa, vou botar rede, só não jogo tarrafa ainda porque eu não dou conta, mas eu tava querendo jogar, vou ver se eu aprendo, mas até agora não. (Entrevistada, pescadora, 55 anos).

Deixa eu te falar. Eu comecei pescar, mais o filho, a Elza, o João Neto, né? Aí, eu gostei muito de estar pescando. Me apaixonei por aquela profissão de pescadora. E aí, eu passei a ir mais o filho pescar. Quando a Elza Mais o Neto não ia, eu ia mais o filho. Sem carteira, né? E aí a gente sem carteira, a gente não é um pescador profissional, a gente é um amador. E aí eu me apaixonei pela profissão de pescadora e resolvi tirar minha carteira da pesca, exatamente para trabalhar legalmente na área, né? E eu amo muito a profissão de pescadora. É sofrida, mas é ótima. É maravilhosa a minha profissão. Eu amo minha profissão como pescadora. E também é um meio de vida, de melhorar de vida também, né? Que a gente pesca, a gente vende, a gente tem o alimento pra comer, né? Que é o peixe. Por sinal, é muito gostoso. E é uma profissão que eu gosto. Gosto muito de exercer a profissão de pescadora. Gosto muito mesmo. E aí... E nessa área de pescadora, eu já tô com 14 anos de pesca. 14 anos já nessa



profissão de pescadora. E... Entrei num projeto aí pra conseguir minha canoa, pra mim ter o meu transporte de vir do rio na hora que me der vontade, né? Porque até então eu pesco de canoas, canoas do compadre Misael, do João Neto, do seu peixeiro. Quando empresta a canoa pra gente, aí a gente vai pescar o dia. Que. Eles não estão pescando. E aí eu fiz o empréstimo, tô aguardando ganhar minha canoa, vim. Pra mim, exersei minha profissão melhor, muito melhor na área do que eu escolhi para a minha vida, que é pescadora. E já tem muito tempo que eu sou pescadora e eu amo muito a minha profissão de pescadora. A questão do sofrida, Maylane, porque é uma profissão que você tem que andar muito, colocar as redes. Uma hora você pega peixe, outra hora você não pega. Às vezes você coloca a rede e na hora que você chega, o peixe que bateu, outro peixe grande. Comeu também, né? E a gente chega pra recolher o peixe pra levar pra gente e não tem. Também é... Em termos de... Da gente não ter o transporte pra... Pra exercer a profissão, pra mim se torna sofrida de a gente depender das pessoas pra exercer a profissão da gente. Essa parte, e também toda vez que a gente vai pro Rio, a gente tem que ter o dinheiro pra levar o gelo, levar a alimentação, a gasolina, e às vezes você não tem pra levar. Aí se torna uma profissão muito boa, mas em termos de transporte, A gente não ter se torna uma profissão sofrida, porque você quer exercer sua profissão e não tem como você exercer ela com mais frequências, né? Eu acho que é isso, se torna uma profissão bem sofrida. E também tem várias coisas, né? No rio você sofre muito pra você pegar seu alimento, Você tem que remar, você tem que olhar a rede durante o dia, durante a noite, seja com chuva ou com sol, você tem que exercer sua profissão. E é uma profissão boa, mas ela é um pouco sofrida. (Entrevistada, pescadora, 48 anos)

V. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de evidenciar o trabalho das mulheres pescadoras é cada vez mais necessário, o trabalho de luta e resistência nos territórios das mulheres pescadoras de Tocantinópolis – Tocantins, em seus territórios, visto que, além de estarem na linha de frente acerca dos impactos sociais e ambientais, também possuem a centralidade nas lutas e resistências locais. É importante ressaltar também que esse protagonismo é histórico e que as várias tentativas de apagamento dessas



mulheres e das comunidades pesqueiras que têm no seu território a base de sua vida e de suas identidades é um projeto político e colonial .

VI. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

GONÇALVES, Éven Bandeira; MEDEIROS, Rejane; PISANI, Mariane da Silva. **Mulheres pescadoras artesanais: relações de gênero e violência na colônia z7, Tocantinópolis (TO)**. Artigo. Núcleo de Estudos de Gênero. Cadernos Espaço Feminino. 2019.

HAESBAERT, R. **Identidades Territoriais**. In: RODENDHAL, Z. CORRÊA, R. L. (Orgs). **Manifestações Culturais no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, 169 – 190.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

RAMOS, Dernal Venâncio. **Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História oral**. Revista História Oral. v. 22, n. 1, 2019, pp. 359-372.

SOUZA, Tainã Miranda de. **Vivências com o Rio Tocantins**. Monografia LEdoC. 2022

SILVA, Jessilane Souza da. **Memórias de mulheres pescadoras no município de Tocantinópolis**. Trajetórias de lutas e resistências. 2022 [monografia]

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PAULA, C. Q. **Geografias das ausências e geografias das Emergências**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 1, p. 095-111, abr. 2019. ISSN 2179-0892.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p

VII. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil